



Vieira de Almeida e associados

Advogados amigos do ambiente



Manuel Gouveia Pereira, que coordena o plano de eficiência energética da VdA, simula a substituição de uma lâmpada com a ajuda de parte da equipa que mais recentemente venceu o concurso da empresa que promove a redução dos consumos energéticos.

Foi em 2012 que a sociedade de advogados Vieira de Almeida (VdA) decidiu fazer da energia um 'case study' na área eficiência energética. O objectivo passava por promover a alteração do comportamento dos colaboradores, que não era sustentável na energia. Através de uma forte campanha de sensibilização chamou-se a atenção para o consumo nos escritórios de Lisboa e do Porto. E foram promovidos comportamentos simples como alertar os colaboradores para desligarem os seus computadores antes de saírem, ou para que o último a sair do piso tivesse o cuidado de desligar toda a iluminação central. Além disso, foi lançado um concurso para promover a redução dos consumos em cada um dos pisos. Manuel Gouveia Pereira, da VdA, que coordenou todo o processo, conta que se instituiu um barómetro verde, 'report' trimestral onde se informa os colaboradores sobre o consumo de electricidade no seu piso. Uma forma de promover a redução e alertar para a necessidade de reduzir. Os resultados deste esforço, que foi retratado no projecto Acção 7, da BCSD, foi a redução quer do consumo de energia quer da própria factura. E ainda

que os preços da energia tenham aumentado, a variação anual foi de menos 14% nos consumos, o que se traduziu em menos 18.655 euros por ano. A VdA estima que em cinco anos, desde o início do 'case study' em 2012, a poupança chegue aos 93 mil euros e que em dez anos atinja 186.650 euros. Além da poupança na factura, a pegada ambiental é hoje menos pesada, com um corte de 11% nas emissões de CO2. O seu nível de emissões está, aliás, 28% abaixo dos níveis das sociedades de advogados que integram a Legal Sector Alliance (LSA), tendo sido a primeira sociedade de advogados portuguesa a integrar esta liga internacional de advogados responsáveis ambientalmente. Para o futuro, o objectivo é continuar no caminho do controlo da factura energética e garantir que o 'case study' não se esmorece. E, também, olhar para a área dos transportes. "Temos espaço para melhorar. Com a internacionalização, as viagens de avião são necessárias, por vezes é inevitável apanhar-se um táxi... Por isso, a eficiência nos transportes e mobilidade é um dos próximos desafios", conclui Manuel Gouveia Pereira. I.M.

Ferpinta substitui gasóleo por electricidade

Com o objectivo de diminuir o consumo energético e reduzir o custo unitário de produção, a Ferpinta - Indústria de tubos de aço, investiu 100.530 euros num projecto de eficiência energética que se baseou na substituição do uso de gasóleo por electricidade na movimentação de materiais. Num ano, a empresa poupou 23.500 euros, prevendo uma poupança de 117.500 euros em cinco anos e de 235.500 euros num horizonte de dez anos. "A competitividade da empresa passa por produzir mais consumindo menos", garante Vítor Fonseca, gestor de energia, da empresa que recebeu recentemente uma certificação da norma da Energia, SIO 50001. O responsável explica que o projecto tem duas vertentes: "A primeira relaciona-se com o transporte de bobinas de aço de um armazém exterior para o armazém de transformação de matéria-prima". Antes, frisa, "o transporte era realizado por um empilhador com motor a gasóleo com um custo muito elevado". Foi então construída uma linha férrea e um vagão eléctrico que faz agora o transporte das bobinas, com um custo muito inferior". A segunda vertente está relacionada "com a substituição do empilhador a gasóleo do armazém de consumíveis por um empilhador eléctrico", destaca.



A consequência foi uma poupança na factura eléctrica de cerca de 16.700 euros. Vítor Fonseca não tem dúvidas de que em termos ambientais o projecto teve "um impacto significativo", reflectindo-se também na "redução de emissões de CO2 na ordem das 18 toneladas anuais". A ideia do projecto surgiu em reuniões internas orientadas para a melhoria da eficiência da fábrica, e foi uma equipa interna que concebeu o vagão eléctrico, depois da realização de um estudo sobre a sua viabilidade técnica, a previsão dos consumos de veículos eléctricos e a comparação com os consumos dos empilhadores a gasóleo. O projecto não teve incentivos financeiros e não obrigou a alterações de processos operacionais, tendo sim "contribuído para baixar os custos de exploração e para tornar a empresa mais eficiente na utilização da energia", realça. Mas esta não é uma preocupação de agora. A empresa sediada em Vale de Cambra, que produz anualmente, 250.420 toneladas de tubos de aço, promove "continuamente a poupança e uso eficiente de energia, implementando melhorias e tecnologias que incrementem a eficiência energética", diz Vítor Fonseca, que garante: "Os valores gastos com os projectos de eficiência energética são vistos como um investimento e não como um custo". Sobre isto, de frisar que a Ferpinta investe cerca de 150 mil euros em eficiência energética,

sendo que "grande parte deste valor é usado na aquisição de equipamentos de tecnologia mais eficiente", sublinha". R.C.

NOS implementa SavEnergy

O projecto SavEnergy da NOS é um 'case study' de sucesso na área de eficiência energética. Actualmente, a operacionalização da rede de telecomunicações NOS é responsável por 60% do consumo de energia e o arrefecimento do equipamento das antenas de telecomunicações, pesa 30% do consumo, sendo "as perdas de energia, os principais focos de ineficiência da NOS", frisa Isabel Borgas, directora de comunicação corporativa e sustentabilidade. Posto isto, a empresa percebeu ter dois desafios: "Minimizar os efeitos ambientais adversos do negócio em toda a cadeia de valor e apostar no desenvolvimento de soluções que concretizem o potencial das novas tecnologias melhorando o desempenho ambiental em sectores que vão da indústria ao comércio e aos serviços". Foi então definida a meta de reduzir ou mesmo eliminar o consumo de energia eléctrica na rede, através das necessidades de aquecimento, ventilação e ar condicionado, bem como da produção própria a partir de fontes renováveis, informa, explicando que o controlo de todas estas variáveis "é realizado pelo Energy



Box, um equipamento desenvolvido de raiz que é integrado em cada instalação de antenas". O Energy Box "monitoriza e gere os dois principais vectores do projecto: a maximização do consumo de energia de origem renovável e a limitação do funcionamento da refrigeração, substituindo-o por ventilação forçada", explica, fazendo um balanço "muito positivo", e explicando que, "dependendo das condições climatéricas do local, o SavEnergy permite uma diminuição anual do consumo de energia por antena de 20% a 50%". Para implementar o projecto, foi criado um consórcio que inclui a NOS, a Efavec e a Fraunhofer Portugal, "com vista a criar soluções que aumentem a eficiência energética das estações de telecomunicações. Desenvolveram-se novas soluções para optimização de energia e micro-geração renováveis em estações de comunicação móveis", frisa. Foram ainda instalados painéis fotovoltaicos e soluções híbridas de fotovoltaicos e eólicos. No total, foram investidos 790 mil euros. E nos três anos de implementação do projecto, iniciado em 2011, a NOS obteve uma redução de 25,3% no consumo de energia, o que representa cerca de 2,1 GWh, resultando num decréscimo de 99.500 euros na factura anual e de 566 toneladas de CO2, equivalente nas emissões indirectas associadas. Em cinco anos, a poupança pode chegar aos 497.769 euros, e a 995.540 euros num horizonte a dez anos. R.C.



Como 16 empresas vão poupar mais de 130 milhões de euros em dez anos

A dez anos, as poupanças previstas pelas 16 empresas que fazem parte do projecto Ação 7, lançado pelo BCSD Portugal (Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável), chegam aos 130 milhões de euros. Milhões que se devem a medidas específicas de eficiência energética nas suas empresas, tomadas mediante um investimento de 14 milhões de euros.

São milhões de euros de poupança com medidas aparentemente simples como desligar o computador quando se sai, trocar gasóleo por electricidade, escolher a melhor hora para se cozer bolos ou apostar em fontes renováveis.

Entre estes 16 casos de sucesso, estão empresas industriais como a Cimpor ou a Ferpinta, empresas de serviços como a sociedade de advogados Vieira de Almeida e Advogados, ou de telecomunicações como a NOS. Empresas cujos 'case-studies' são explicados, nestas páginas, pelo Diário Económico. Tanto estes como os restantes estão disponíveis no site da BCSD Portugal, conselho que representa 100 empresas e 38% do PIB português.

Um dos casos que maiores poupanças poderá trazer é o da Sonae MC, que prevê poupanças a dez anos na ordem dos 65,6 milhões de euros.

Outro dos casos mais importantes é o da ANA - Aeroportos de Portugal. Numa década, a empresa, que prevê investir 580 mil euros, prevê poupar 1,2 milhões de euros só com a instalação de contadores inteligentes ('smart metering') que permitem a gestão remota de energia e água quer da própria ANA Aeroportos quer das lojas, escritórios, cafés ou restaurantes que existem nos aeroportos de Lisboa, Porto, Faro, Ponta Delgada, Funchal, Horta e Santa Maria. Com os 4.156 contadores, a empresa sabe ao certo o que cada espaço gasta e implementa me-

didias concretas. O objectivo da empresa liderada por Jorge Ponce de Leão é que até 2020 o consumo de electricidade, gás natural, combustíveis líquidos, água e da quantidade de calor necessária para manter os sistemas energéticos operacionais (entalpia) nos aeroportos desça 2% todos os anos, sendo que em alguns poderá mesmo cair 10%. Entre as medidas, está precisamente o conselho a cafés e restaurantes sobre a melhor hora para cozer bolos, uma medida simples que permite poupanças efectivas nos gastos com energia.

Como tudo começou

Foi em 2013 que as empresas que integram o BCSD apontaram a questão da eficiência energética como uma das que mais os preocupava no campo da sustentabilidade da empresa. Quando começaram a ser contactadas e questionadas sobre a eficiência energética, muitas das dúvidas dos seus gestores tinham a ver com questões como o facto de esta não ser considerada uma variável de custo ou de haver pouco alinhamento entre as propostas de projectos de eficiência energética e o modelo de negócio das empresas. O BCSD Portugal decidiu então avançar com 16 casos para provar que é possível demonstrar valores de investimento, períodos de retorno, poupanças a cinco e a dez anos, etc., ou seja, que é possível mostrar indicadores económico-financeiros de projectos de eficiência energética. Cada empresa escolheu então o projecto a apresentar e divulgou investimentos, prazos, 'paybacks' e, até, a redução no custo unitário de produção. Dados que são essenciais para a tomada de decisão dos gestores de topo.

A análise dos casos levou ainda a BCSD a concluir que para a empresa ser mais eficiente, em termos energéticos, é uma oportunidade para reduzir custos operacionais e aumentar a competitividade, disse Fernanda Pargana, secretária-geral do BCSD, ao Diário Económico.

Além das poupanças financeiras, a protecção do ambiente e a reputação são também referidas por muitas das empresas estudadas. Como a propósito referiu José Fortunato, administrador da Sonae MC, "as empresas devem procurar sempre o desenvolvimento sustentável do negócio" e que este possa "contribuir para um mundo melhor do ponto de vista, social, ambiental e económico". ■ **Irina Marcelino**

Empresas que estão a apostar em eficiência

- ANA Aeroportos
- Bosch
- Termodinâmica
- Brisa
- CGD
- Cimpor
- CTT
- Ferpinta
- Jerónimo Martins
- LIPOR
- Metropolitano de Lisboa
- Nestlé
- NOS
- Soja de Portugal
- Sonae MC
- Vieira de Almeida e Associados